

Cartel de Formação e Direção

Sidneia Bochnia Lopes

Cartel clínico: Leitura Outros Escritos,
A Proposição de 9 de outubro de 1967
Associação Psicanalítica de Curitiba

Participar deste cartel foi um desafio. Uma nova forma de estar presente na escola que não fosse pela presença física ou apenas pela imagem do zoom, mas sim, pela fala. Transmitindo o que pude recolher desses dois anos de trabalho e que só pôde ser reconhecido neste último encontro.

De entrada já me colocava as voltas com as questões me levam a refletir sobre como iniciou o cartel, sobre meu retorno a instituição Associação Psicanalítica de Curitiba após 12 anos de um percurso que me levou a outros caminhos, mas que em 2018/19 me permitiu o regresso à clínica psicanalítica e ao fortalecimento de um dos tripes por ela necessária, a teoria e a troca com os pares. Neste retorno encontro com uma instituição que já havia avançado e que não era a mesma, aqueles outros que haviam sido referenciais na minha formação não mais circulavam presencialmente pela instituição, o que restava era os vossos legados. Havia para mim então algumas questões pessoais, e também algumas questões institucionais. Os pessoais eram: - estabelecer novos laços transferências acerca do “saber”. E os institucionais : -a questão que deu a origem deste cartel.

A qual era a direção da instituição, bem como a continuidade da formação de novos e atuais membros, desta forma seguindo a orientação de Lacan (na proposição de 9 de outubro de 1967) sendo um dos princípios da carta da APC:

“Não instituímos senão no funcionamento”, uma vez que estudar a formação é um trabalho sempre em construção. E aqui a questão que vejo na instituição faz um nó com a minha própria.

Sabemos que a instituição tem papel fundamental neste percurso, porém simplesmente seguir a orientação de Freud e de Lacan referente ao Tripe como uma REGRA ou um imperativo não tem sentido para um analista, pois este precisa estar movido por seu desejo possibilitando que aja implicação com sua própria análise, supervisão e estudos. Como a instituição se posiciona frente ao novo formato de um Real que se impôs? Como fazer face a esta nova modalidade de formação e apontar uma direção?

Uma vez que estávamos vivendo os reflexos da pandemia do COVID, e seus efeitos em um novo formato de existir, o modo On-line. Não tínhamos naquele momento uma sede física, e nem os encontros presenciais.

A questão da formação do psicanalista já era debatida inicialmente por Freud nas reuniões informais de quarta-feira em sua residência e culminou na fundação da Sociedade Psicanalítica Internacional (IPA), que criou protocolos que formalizaram os requisitos necessários à formação do psicanalista. O tripé clássico foi estabelecido – análise pessoal, estudo teórico e supervisão – mantidos até hoje; porém, as inovações que Lacan introduziu em sua prática clínica, possibilitaram um novo modo de se pensar a formação do psicanalista. Em 1963, Lacan foi excluído da lista dos analistas da IPA, episódio que ele denominou de “excomunhão”, por ter um pensamento diferenciado no tocante à prática clínica e às proposições teóricas.

Na “Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola”, Lacan deixou claro que os analistas não são treinados ou ensinados por outros psicanalistas; são formados por suas próprias análises. Para ele, a única forma possível de o analisante tornar-se analista seria através de sua análise pessoal. É a experiência pessoal de análise que dá ao analista condição de escuta e convicção sobre a eficácia dos processos inconscientes.

Ou seja, não é o desejo (consciente) de ser psicanalista que torna alguém psicanalista e, sim, o desejo de analista que poderá ser causado no decorrer da experiência analítica, e que propiciará a sustentação do analista em seu lugar de causa de desejo. E aqui me encontrava em não ceder do meu desejo pela psicanálise e pela instituição que havia escolhido para dar continuidade em minha formação.

Para isso, o analisante precisa despojar-se de sua condição de sujeito, a que se tem quando se entra em análise, para servir de causa de desejo para o analisando. Passar da posição de sujeito para a de objeto causa de desejo. Estamos no terreno da destituição subjetiva que leva à queda dos significantes que representavam o sujeito, ao desvanecimento do Outro e à revelação de sua falta e inconsistência [(S(A))].

A travessia da fantasia (fantasma) associa-se à destituição subjetiva na medida em que a posição do sujeito na fantasia é definida pelos significantes que o representavam.

Se a fantasia é aquilo que define a relação do sujeito com o objeto *a*, causa de desejo, condensador de gozo, se é o modo singular de responder ao desejo do Outro, a travessia da fantasia deverá implicar um novo modo do sujeito de se

relacionar com o objeto, renunciando à ilusão de que sua fantasia lhe fornece o complemento de seu ser. Neste momento a experiência deste cartel me possibilitou compreender que a construção e aquisição de um saber que eu buscava fora “ nos outros da instituição “ estava implicado e diretamente relacionado a minha própria condição de implicação com meu desejo, e que este estava sim direcionado a instituição mas mais que isto, é um percurso digamos solitário , o que pude foi compartilhar com meus pares esta travessia, e me dar conta de que apropriar-me da minha trajetória é responsabilidade e um ato meu.

No Seminário XVII, Lacan nos apresenta a teoria dos discursos e, dentre eles, enfatizamos o discurso analítico – o analisante tem uma experiência discursiva dentro da análise – que, diferentemente do discurso do mestre (que “tudo sabe”), se pauta por um despertar (causar) um desejo de saber.

Estamos falando da importância incontestável da experiência de análise pessoal para a formação do psicanalista. E qual o destino da transferência desenvolvida durante a experiência analítica no final de análise?

Aqui torna-se necessária a introdução do conceito de Escola de Lacan onde a transmissão é feita sob a transferência.

A transferência desenvolvida na análise particular de um sujeito pode levar o analisante a tornar-se um analista. Os restos dessa transferência devem ser dirigidos à Escola de Lacan, agora transformada em transferência de trabalho, desejo de saber.

Isso nos remete à noção de uma formação permanente do analista – do início da análise pessoal até o seu final. Estamos no terreno de uma formação interminável e que se dá particularmente com os trabalhos dirigidos à Escola,

pela transmissão da psicanálise nos meios psicanalíticos, ao levar a psicanálise para o espaço público, por sua prática clínica.

Podemos dizer que, basicamente, na formação de um analista é necessário o despertar de um desejo com uma ética própria, a ética da psicanálise – de não ceder de seu desejo – desejo de psicanalista/desejo de psicanalisar. A experiência de cada um com a sua própria fala, com a castração e a formação de seu desejo de psicanalista compõem uma trajetória ética.

Cada um é responsável por sua formação – o psicanalista só se autoriza por si mesmo... e por alguns outros, como diz Lacan no Seminário XXI, *Les non-dupes errent*.

Termino esse breve relato com uma citação de Jacques-Alain Miller:

“Ao qualificar a formação do psicanalista como infinita, queremos dizer que tal formação é, por si só, sem fim. Não se trata de um percurso incompleto, mas de um percurso que estruturalmente não comporta a ideia de fechamento, por acolher o impossível que o habita. E é por privilegiar esta dimensão de abertura, de acolhimento ao novo e ao real da experiência analítica que a formação do psicanalista é permanente.”

Assim, a resposta que eu visava encontrar como uma indicação de um caminho a se seguir, se encontrou com: meu próprio desejo relacionado ao saber e a transferência que mantive e mantenho com a instituição ao longo dos anos . Sustentar fazer cair os ideais e as garantias que se supõe que a linguagem pode garantir, que não passam de semblantes que velam o vivo, de uma tentativa de apreender a contingência, é aceitar perder algo em troca de um ganho de vida. A experiência desse cartel tocou em um lugar muito importante da minha relação

com a psicanálise, desconstruindo ideais dos quais me pareciam necessários para sustentar a sua prática, e abrindo possibilidades para um percurso que se constrói, ao seu tempo, marcado pelas experiências que produzem um saber. Tirar a psicanálise deste lugar ideal, me permitiu questioná-la de um outro lugar, tecendo um laço onde estava se formando um nó. Processo esse que não foi desacompanhado de acontecimentos em meu próprio corpo, onde algo do vivo se fazia presente quando o ideal não tinha mais por onde se sustentar. A grande resposta-mestra que eu procurava encontrar no início desse percurso, tornou-se pequena diante da mudança de posição que eu pude assumir em relação à psicanálise e ao que me move nela.

Poder compreender que esta trajetória é de uma experiência própria e que do outro e com o outro compartilho experiências e que nessas experiências trocamos e agregamos conhecimentos, me trouxe um certo conforto, porém não suficiente para que eu paralise, pelo contrário compreendo que é sempre necessário um algo a mais que movido pela falta me faz continuar buscando e conseqüentemente produzindo sem esgotá-lo ou tomá-lo como encerrado, para sempre estar às voltas com ele... mais, ainda

Bibliografia

Lacan, J. Ato de fundação. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

_____. Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

_____. Carta de dissolução. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003. Miller, J-A. A formação do analista. In: *Opção Lacaniana*, Revista Brasileira Internacional de Psicanálise, n. 37. São Paulo,